

# "A virada de Moscou": o diálogo entre Gramsci e os bolcheviques (1922- 1923)<sup>1</sup>

Peter D. Thomas

Professor de História do Pensamento Político  
Brunel University (Inglaterra)

---

<sup>1</sup> Conferência apresentada no *Colóquio Internacional Antonio Gramsci*, realizado entre 22 e 25 de agosto de 2017 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Tradução de Daniela Mussi.

**“A virada de Moscou”: o diálogo entre Gramsci e os bolcheviques (1922-1923)**

**Resumo:** O artigo investiga o pensamento de Antonio Gramsci no período 1922-1923, contexto em que o marxista sardo esteve contato direto com a experiência soviética. Propõe que a característica específica da concepção “madura” de Gramsci a respeito hegemonia foi moldada por uma problemática profunda surgida neste período. Isto é, conformada pela transição bolchevique no sentido de uma noção dialética do “progresso hegemônico-histórico”. Trata-se, portanto, de uma perspectiva que propõe a hegemonia em termos de sua capacidade (ou incapacidade) de produzir instâncias reais de progresso histórico.

**Palavras-chave:** 1. Hegemonia; 2. Revolução Russa; 3. Antonio Gramsci

**“La svolta di Mosca”: the dialogue between Gramsci and the Bolsheviks in 1922-23**

**Abstract:** The article investigates the thought of Antonio Gramsci in the period 1922-1923, a context in which the Sardinian Marxist was in direct contact with the Soviet experience. It proposes that the specific characteristic of Gramsci's “mature” conception of hegemony was shaped by a profound problematic that emerged during this period. That is, conformed by the Bolshevik transition in the sense of a dialectical notion of “hegemonic-historical progress”. It is, therefore, a perspective that proposes hegemony in terms of its capacity (or inability) to produce real instances of historical progress.

**Keywords:** 1. Hegemony; 2. Russian Revolution; 3. Antonio Gramsci

“ **A** revolução contra o *Capital*” é uma dessas formulações férteis que assumiram um status quase mítico na interpretação do pensamento de Gramsci. Para alguns, essa formulação e o texto a que dá título pareceram oferecer uma “chave” para decifrar as coordenadas fundamentais da evolução política e teórica de Gramsci, tanto em suas continuidades como em suas quebras. Por um lado, contra o determinismo do marxismo “ortodoxo” da Segunda Internacional, o jovem Gramsci (26 anos) parece valorizar o papel da vontade, das ideias e da subjetividade, consideradas como prefigurações da ênfase fortemente “culturalista” dos *Cadernos do Cárcere*. Da mesma forma, contra as interpretações “economicistas” do marxismo, este texto pareceria afirmar uma perspectiva mais fortemente “política”, estando relacionado, ainda, com as explorações “superestruturais” de Gramsci na prisão e com a ausência de seu engajamento direto com a crítica da economia política.

Por outro lado, o ativismo engajado deste texto – notável na definição de Gramsci dos bolcheviques como “maximalistas”, “agentes ativos para a garantia de que os eventos não fossem bloqueados, que o impulso para o futuro não fosse interrompido e desse lugar a uma acomodação – inevitavelmente burguesa” (GRAMSCI, 2015, p. 617)<sup>2</sup> – também foi por vezes evocado para destacar a suposta distância entre o “politicismo” juvenil de Gramsci (talvez sob a influência suspeita de Bergson ou Sorel) e seu entendimento “maduro”, a complexidade e densidade presentes, nos *Cadernos*, em conceitos como “guerra de posição”, “revolução passiva” e “hegemonia (civil)”.

Estas são, evidentemente, leituras superficiais da formulação deliberadamente e jocosamente paradoxal da “revolução contra o *Capital*”. São, também, leituras que propõem efetivamente a leitura da “fórmula pela

---

<sup>2</sup> Tradução livre, assim como todas as passagens gramscianas subsequentes. (N. da T.)

fórmula”, ou seja, estão repletas de preconceitos a respeito do status de Gramsci como representante de um marxismo “ocidental” ou “cultural”, em contraste com uma tradição “oriental” mais austera. Estas imagens de Gramsci são o produto de distintas temporadas da “recepção” de suas ideias, sobretudo a recepção pela “nova esquerda” nos anos 1960 e 1970 em diante, particularmente mas não apenas no mundo anglófono. Nestes contextos, o recém descoberto pensamento de Gramsci parecia oferecer um caminho para manter a conexão nominal com a tradição marxista e, ao mesmo tempo, tomar distância das “corrupções” de que fora vítima na experiência do “stalinismo realmente existente” (frequentemente tomado como equivalente da experiência soviética *tout court*). Tratava-se de uma recepção baseada e reforçada por uma série de distorções e afirmações errôneas a respeito do pensamento de Gramsci em seu contexto histórico. Um dos grandes méritos da pesquisa histórica e filológica recente, neste sentido, reside no fato de que hoje é possível corrigir definitivamente estas visões equivocadas (mesmo que a natureza dessas modas e reputações acadêmicas continue a circular por um tempo).

Já se sabe há algum tempo que nada esteve mais distante da verdade do que a influente afirmação de Perry Anderson, nos anos 1970, de que, em Gramsci, o “silêncio a respeito dos problemas econômicos era absoluto” (ANDERSON, 1976, p. 75). Se esta afirmação parecia plausível ao leitor superficial da edição Platone-Togliatti dos *Cadernos do Cárcere* entre os anos 1940-1950, parece óbvio que não pode ser sustentada com base nos documentos disponíveis já nos anos 1970, antes mesmo da intervenção de Anderson. Como ficou claro na edição crítica de Gerratana e foi confirmado, em seguida, pela pesquisa acadêmica, os *Cadernos* possuem muitas notas dedicadas ao problema da história econômica, da teoria econômica burguesa e à crítica marxista da economia política.<sup>3</sup> Não são apenas comentários marginais de um neófito, mas discussões sofisticadas de temas altamente técnicos, incluindo a tendência de queda da taxa de lucro, a composição orgânica do capital e a metodologia dialética. Crucialmente, como apontou Giuliano Guzzone (2015), não são textos de distração em relação aos temas principais de escrita de Gramsci na prisão, são absolutamente centrais

---

<sup>3</sup> Entre as contribuições mais significativas, ver Boothman (1995) e Krätke (2011). Enfatizei o significado destas notas em Thomas (2009, p. 347-362). Guzzone (2015) é o estudo mais compreensivo das reflexões econômicas de Gramsci.

para o projeto filosófico e político mais geral realizado nos *Cadernos*. Similarmente, o trabalho editorial em curso da *Edizione nazionale*, e especialmente o trabalho acadêmico de Leonardo Rapone (2011), tem permitido o redimensionamento do primeiro contato de Gramsci com a tradição marxista. Tratava-se de uma “herança” no sentido pleno da palavra, ou seja, não apenas uma filiação ou a aceitação de uma doutrina existente, mas um processo ativo e completo de apropriação crítica e transformação no contexto de crise civilizacional colossal da Primeira Guerra Mundial.

Na verdade, a noção da Revolução Russa como uma “revolução contra o *Capital*” é uma formulação densa que, assim como o melhor dos aforismos jornalísticos de juventude de Gramsci, deliberadamente começa com uma contradição aparente para destacar uma verdade paradoxal. Se os bolcheviques haviam realizado sua revolução “contra” o *Capital*, isto se devia a uma concepção equivocada da natureza do próprio *Capital*. Lido como um livro sobre o curso “normal” do desenvolvimento capitalista, Gramsci argumenta, o espírito que anima o *Capital* havia sido neutralizado, “contaminado por incrustações positivistas e naturalistas” (presentes, aliás, no próprio Marx) (GRAMSCI, 2015, p. 617-618). Apenas a intervenção excepcional dos bolcheviques havia sido capaz de permitir a recuperação do *Capital* não como uma ciência “neutra”, mas em uma perspectiva política revolucionária, o “pensamento revigorante, imanente” que permitia o *Capital* ser lido não como um “livro da burguesia”, mas como um guia para a ação revolucionária (Ibid., p. 617-618). Os bolcheviques, declarou Gramsci, “vivem o pensamento marxista” (Ibid., p. 617-618). Longe de ser uma mera metáfora, esta formulação opera teórica e politicamente, permite a unificação dialética de dois elementos frequentemente vistos como opostos: de vida e pensamento, de prática e teoria, ou – como poderíamos dizer hoje – de política e filologia. Esta concepção de pensamento marxista “vivo”, deveria ser pensada não apenas como um excesso de contemporaneidade, como se os bolcheviques de alguma forma tivessem expressado plenamente uma “verdade” reprimida do marxismo. Ao invés disso, o que estava envolvido na intervenção dos bolcheviques, na visão de Gramsci, era uma complexa prática reflexiva sobre os modos de herdar uma tradição, de entrelaçamento das relações de força do passado e presente, das formas por meio das quais “atualização” envolve não apenas “atualização” de determinada

fonte, mas uma redefinição retrospectiva da própria fonte. O pensamento marxista “vivia” na ação daqueles bolcheviques “maximalistas” em um sentido pleno; apenas a intervenção dos bolcheviques era capaz de permitir o “pensamento marxistas” tornar-se verdadeiro.

As interpretações de Gramsci sobre o significado da Revolução Russa passaria por muitas transformações significativas no período entre 1917 e a escrita dos Cadernos do Cárcere entre o final dos anos 1920 e meados da década de 1930.<sup>4</sup> Talvez a mais significativa destas foi a revisão radical de Gramsci de sua posição a respeito do significado histórico e atualidade do jacobinismo.<sup>5</sup> Em 1917 Gramsci claramente se vinculava, não sem contradições, ao que ficou conhecido como tradição “antijacobina” no interior do marxismo, mas logo – por volta do início dos anos 1920 – começou a reconsiderar o assunto, em reflexões simultaneamente historiográficas (a respeito da Revolução Francesa) e contemporânea (a respeito da estratégia política corrente).<sup>6</sup> No período dos *Cadernos*, os bolcheviques já haviam se convertido em herdeiros diretos e continuadores criativos dos aspectos fundamentais do jacobinismo, problemática que Gramsci explora em todos os seus escritos carcerários.<sup>7</sup> A valorização do jacobinismo se converte em uma das perspectivas organizativas centrais do pensamento de Gramsci, tanto em sua ausência (revolução passiva como ausência de jacobinismo) e em sua realização (hegemonia como a forma atual de uma “essência” do jacobinismo, ou o que André Tosel (1992) eficazmente definiu como um tipo “metajacobinismo”).

Em todo caso, existem continuidades significativas entre o argumento da “Revolução contra o *Capital*” e os escritos “maduros” de Gramsci sobre a

---

<sup>4</sup> Para considerações sobre as posições iniciais e posteriores de Gramsci sobre a revolução, ver Lole, Gomes e Del Roio (2017).

<sup>5</sup> Para estudos de Gramsci e sua relação com o jacobinismo, ver Paggi (1984) e Medici (2000; 2009).

<sup>6</sup> Sobre o engajamento de Gramsci com a historiografia da Revolução Francesa, ver Areco (2015). Para a importância do tema do jacobinismo nas elaborações estratégicas de Gramsci, ver Galastri (2010).

<sup>7</sup> Como Paggi (1984) aponta, jacobinismo é um tema dominante já no *Caderno 1*, precedendo e sobredeterminando a elaboração de conceitos como hegemonia e revolução passiva. Ver Q 1, §43, p. 40; Q 1, §47, p. 57; Q 1, § 48, p. 58; Q 1, § 120, p. 112 (todos do período fevereiro-março de 1930); Q 1, § 150, p. 133 (final de maio de 1930).

Revolução Russa. Estas continuidades não são, contudo, simples repetições de julgamento, mas um aprofundamento de perspectiva. Para adotar uma frase recorrente de Antonio Labriola, a noção de um pensamento marxista “vivente” se converte em algo como um “ângulo visual” a partir do qual Gramsci procura continuamente enxergar e estudar a Revolução de 1917 e o momento posterior, ou um critério por meio do qual procurar estabelecer seu significado histórico e contemporâneo.<sup>8</sup> Gramsci não pensa a revolução russa de outubro de 1917 como um evento ou conjunto de eventos, mas como um processo aberto que subsiste em sua interrogação crítica interminável, revisitas, ou, como Gramsci escreve nos *Cadernos*, em sua capacidade de ser “traduzida” e, por este motivo, convertida em circunstâncias políticas em transformação.<sup>9</sup> A “Revolução Russa” é, para Gramsci, menos a tomada do Palácio de Inverno em outubro do que o processo inteiro que se desenvolve por meio das tentativas de construção do socialismo em uma escala internacional, incluindo a reflexão crítica sobre este processo.

Este ângulo visual é desenvolvido e consolidado consistentemente durante o período de Gramsci em Moscou, entre 1922-1923. Trata-se de uma experiência que Gramsci nunca não seria capaz de metabolizar completamente, cujos contornos jamais fecharia, sobre cujo significado ele nunca cessará de refletir, como atestam as contínuas referências nos *Cadernos* aos seus temas. A memória dos debates e discussões com os quais se engajou em Moscou acompanham Gramsci por toda sua vida, funcionando como uma pedra de toque para a qual ele retorna para comparar e contrastar desenvolvimentos subsequentes. Tratam-se de dezoito meses intensos que contém desenvolvimentos fundamentais no pensamento de Gramsci, assim como transformações e reorientações. A extensão deste processo é tal que – em deferência à tradição italiana de dar nomes aos eventos políticos – é possível

---

<sup>8</sup> Ver, por exemplo, Labriola (1965, p. 123).

<sup>9</sup> Ver Q 7, §2, p. 854, em que Gramsci recupera as reflexões de Lenin sobre o IV Congresso da Terceira Internacional Comunista a respeito do fracasso dos bolcheviques em “traduzir” adequadamente a política da Frente Única em “linguagens” do movimento comunista internacional fora da Rússia, particularmente na Europa ocidental (especialmente na Alemanha e Itália).

chamá-lo por “a virada de Moscou”.<sup>10</sup> Foi neste período que as relações de força entre o passado de Gramsci, seu presente e futuro seriam cristalizadas em uma nova orientação estratégica fundamental e que mostra fortes sinais de continuidade com algumas das primeiras e mais instintivas perspectivas políticas.

Até recentemente possuíamos conhecimento relativamente limitado sobre o período de Gramsci em Moscou se comparado a outras fases de sua vida. É possível dizer, de maneira deliberadamente exagerada e brutal, que a percepção geral da importância deste período na biografia de Gramsci pode ser sumarizada da seguinte forma: Gramsci chega em Moscou, fica doente, envia uma carta para Trotsky, discute com alguns outros russos, se apaixona e volta para a Itália.<sup>11</sup> Sabíamos que este era um período significativo na evolução humana de Gramsci e hoje sabemos mais alguns detalhes, inclusive um complicado – que seus afetos amorosos oscilaram entre ao menos duas irmãs de maneira problemática. Contudo, a importância deste período para seu desenvolvimento político tendeu a ser menos percebida, particularmente para os leitores cegos pela percepção de Gramsci como, fundamentalmente, um teórico “ocidental”. De fato, o *Reise russiche* de Gramsci (*Reise* no sentido de Goethe, ou seja, um “sentido formativo”) foi visto como um interregno que separa o jovem teórico dos conselhos dos trabalhadores do velho advogado de um “príncipe moderno”. É significativo que a maior parte dos estudos sobre o pensamento de Gramsci se dividam entre os que focalizam os períodos “jovem” e “maduro”, enquanto este período intermediário permaneceu menos estudado e documentado.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> A referência, aqui, é a famosa “virada de Salerno” promovida por Palmiro Togliatti, em 1944, decisiva para o futuro do Partido Comunista Italiano (PCI) como partido da “democracia progressiva” nacional.

<sup>11</sup> O aumento do conhecimento disponível sobre o período de Gramsci na Rússia nos últimos 50 anos pode ser percebido ao comparar os detalhes com os quais é discutido na clássica biografia de Fiori (1966) e na mais recente de D’Orsi (2017).

<sup>12</sup> Uma importante exceção é Somai (1979), com materiais relevantes para reconstrução do período Russo, ainda que se detenha mais no período posterior de Gramsci, na Áustria. Alguns volumes da *Edizione nazionale* pretendem preencher as lacunas deste período, mas por ora as principais contribuições ao tema são Boothman (2014) e Carlucci e Balistreri (2011). Estou, atualmente, preparando um volume com documentos de arquivo ainda não publicados em parceria com Craig Brandist. Alguns dos argumentos contidos no presente artigo são resultado desta pesquisa em andamento.



As pesquisas documentais e filológicas recentes – particularmente, mas não apenas, a realizada pelo neto de Gramsci, Antonio Gramsci Jr. – oferecem um quadro muito mais rico do período de Gramsci na Rússia e seu significado fundamental como momento de evolução política.<sup>13</sup> Atualmente é possível começar a apreciar em que medida Gramsci – apesar de suas dificuldades de saúde – engajou-se intensamente no trabalho do Comintern com altos níveis de responsabilidade. Trata-se de um engajamento impressionante precisamente devido às condições precárias de saúde em que se deu. Gramsci foi eleito para o *Presidium* do Comitê Executivo da Internacional Comunista em 13 de junho de 1922 – ou seja, apenas dez dias depois de sua chegada à Rússia por meio da fronteira com a Letônia. Nos meses seguintes, participou de numerosas reuniões do Comitê e em seu nome enquanto permanecia residindo em um sanatório fora de Moscou. Em algumas semanas, estas responsabilidades envolveram viagens diárias dentro e fora da capital, com uma agenda que seria exaustiva sob as melhores condições realizada por um homem doente no meio do inverno moscovita. Embora a “questão italiana” possuísse uma dimensão importante do trabalho de Gramsci no *Presidium* – dada a catástrofe que se desenrolava na Itália neste período – sua atividade não limitou-se a ela.

Ao contrário, Gramsci assumiu uma série de responsabilidades em variadas comissões em perspectiva internacional, incluindo na comissão sobre América Latina. Ao mesmo tempo, desenvolveu atuou no Profintern e procurou ativamente manter contatos com iniciativas associadas ao então combativo Proletkult. Seu engajamento na sociedade soviética tampouco se limitou aos círculos de elites ao redor do Kremlin. Gramsci viajou para as maiores concentrações de trabalhadores da Rússia, distantes de Moscou e tomou contato com a realidade concreta da recuperação pós-guerra civil, bem como com a construção do socialismo em regiões muito mais distantes do que as que os representantes de outros partidos comunistas internacionais estavam acostumados a visitar. Gramsci também participou de uma conversa privada com Lenin, que é da maior importância para entender o processo em que

---

<sup>13</sup> Algumas edições de pesquisa sócio-histórica e documental foram publicadas por Antonio Gramsci Jr. (2010, 2014).

Gramsci assume responsabilidades e graves riscos na liderança do partido italiano em seguida. Em resumo, longe de ser um paradigma do marxista “ocidental”, a imersão de Gramsci na sociedade e política soviética possui tal natureza e extensão a ponto deste ser visto – sem grandes exageros – como um “russo honorário”, especialmente se consideradas as novas conexões familiares consolidadas neste período.

O período de Gramsci em Moscou, entre 1922 e 1923, foi decisivo para sua evolução teórica posterior e desenvolvimento de uma nova concepção da hegemonia nos *Cadernos*. Além disso, foi crucial para o engajamento de Gramsci nas discussões sobre hegemonia realizadas não apenas entre a liderança bolchevique, mas por toda a sociedade soviética. A pesquisa recente a respeito da história intelectual russa enfatiza que a hegemonia não era apenas um *slogan* de agitação que teria mais ou menos desaparecido do vocabulário bolchevique depois da tomada do poder em 1917 (BRANDIST, 2015). Este termo, ao contrário do que afirmou Anderson (1976, p. 17), não foi substituído pela realidade de uma ditadura efetiva do proletariado e consignado meramente a assuntos externos, de acordo com a abordagem prussiana da política internacional descendente de Droysen.<sup>14</sup>

Ao contrário, o discurso bolchevique sobre hegemonia foi, antes de mais nada, radicalmente difundido e aprofundado depois de 1917, conforme evidenciado por Christine Buci-Glucksmann (1980, p. 7) há 40 anos atrás e confirmado recentemente pelo trabalho de Brandist e outros. De uma estratégia política relativamente limitada para mobilizar o campesinato sob a direção do proletariado em um processo de modernização política durante o período pré-revolucionário, depois de 1917 a hegemonia foi disseminada e multiplicada por meio de discursos variados – diretamente políticos, sociais, éticos e culturais. Neste sentido, a disseminação da hegemonia na jovem experiência revolucionária russa e seu vocabulário curiosamente reflete a difusão deste mesmo termo no período grego clássico, no qual o uso político em textos

---

<sup>14</sup> Recentemente, Anderson (2017) repetiu literalmente este argumento, apesar da publicação de muitos estudos desde então que demonstraram seu caráter infundado.

históricos é complementado por sentidos relacionados mas diferentes, presentes nos discursos filosóficos, pedagógicos e morais.<sup>15</sup>

Talvez o caso mais surpreendente desta difusão consiste no uso frequente da palavra e conceito de hegemonia nas discussões e publicações associadas ao Proletkult, onde literalmente constitui um verdadeiro *leitmotiv*. Nos primeiros dias de Gramsci na Rússia, Kamenev republicou um antigo e notório texto dos debates bolcheviques-mencheviques. Mais significativa, talvez, foi a série de conferências realizadas em 1923 pelo presidente do Comintern, Zinoviev, sobre a história do Partido Bolchevique, em que o conceito e prática da hegemonia tiveram lugar privilegiado, como alma e núcleo vivo tanto dos “velhos” como dos novos bolchevismos. Estas foram publicadas, em seguida, no jornal *Pravda* e é possível que tenham sido lidas por um jovem italiano linguisticamente adepto e então aprendiz de russo (pesquisas recentes sugerem que Gramsci possuía um conhecimento maior do que o que se pensava, senão fluente, da língua russa neste período). Independente da confirmação deste contato direto com as conferências, parece improvável que Gramsci as desconhecesse, dada a atenção pública que recebiam em Moscou naqueles dias. Ainda mais significativa – dado o contato diário de Gramsci com Zinoviev nas reuniões e escritório do Comintern no exato período em que foram realizadas as conferências – é a improbabilidade de que Gramsci não conhecesse seus principais temas e argumentos.

A hegemonia, nestas discussões da liderança bolchevique (em sentido amplo), era concebida não apenas como aliança entre proletariado e campesinato, a *smychka* tão frequentemente evocada nos debates pré-revolucionários, por vezes de maneira mecânica, no sentido de um “encontro” [*yoking*] das classes, ou (usando um vocabulário mais recente) a articulação de elementos discretos em uma unidade artificial e contingente. Ao contrário, a hegemonia era apresentada fundamentalmente como um “método de trabalho político” – para usar a expressão feliz de Nicola Badaloni (1975). Na conjuntura política e social concreta de 1922-1923 – período de instituição da Nova Política Econômica (NEP), em seguida ao período de privação do comunismo de guerra

---

<sup>15</sup> Para as revisões mais compreensivas do desenvolvimento do conceito antes e em Gramsci, ver Cospito (2016) e Bongiovanni e Bonanate (1993).

– isso significou concretamente que a hegemonia foi concebida como um programa de desenvolvimento político e mesmo “civilizacional”. De fato, foi por meio da disseminação do discurso sobre a hegemonia que se deram as tentativas de repensar a NEP, não apenas nos termos da “concessão” ao campesinato (termos nos quais esta política era por vezes apresentada e ficou conhecida em quase toda historiografia subsequente). A reformulação da hegemonia no contexto da NEP significava pensá-la nos termos de uma “ofensiva política” do proletariado para relançar o projeto de construção do socialismo depois da guerra civil (FROSINI, 2003, p. 95-98). Fundamentalmente, tratava-se do desenvolvimento de uma noção de hegemonia não apenas nos termos do poder político ou, ao menos, não simplesmente em termos de uma noção de poder repressivo redutível a um paradigma de soberania. Diferente disso, tratava-se de uma tentativa de pensar a hegemonia em termos relacionais e pedagógicos, como uma forma de liderança que busca construir as condições para um progresso histórico real.

O encontro com esta concepção de hegemonia constitui, em minha opinião, uma virada genuína no desenvolvimento do entendimento particular de Gramsci a respeito da hegemonia ou, ao menos, o início de uma transição para uma nova concepção de hegemonia elaborada progressivamente em termos práticos e teóricos nos anos seguintes. Uma transição que ocorre entre 1922-1923, e não em 1926, ou em algum ponto entre 1929 e 1935, e certamente não em algum mito do caderno n. 34 ou 35. Hegemonia, como conceito específico, não ocupava lugar de destaque nos escritos de Gramsci antes de sua estadia em Moscou; quando aparece, é normalmente em sentido genérico, como predominância (cf. COSPITO, 2016). Foi a exposição a estes debates e discussões entre os bolcheviques, nas quais a hegemonia aparecia não apenas como uma palavra grega curiosa mas uma intervenção real na política de massas que ofereceu a Gramsci a oportunidade de intervir na prática de hegemonia na liderança do Partido Comunista da Itália (PCd'I) e, em seguida, a ampliar esta perspectiva em sentido historiográfico, filosófico e político durante os escritos da prisão. Se cinco anos parecem séculos, como na sugestiva expressão de Rapone – em certo sentido um eco das observações de Lenin sobre a densidade do tempo histórico em período revolucionários – então dezoito meses podem parecer uma vida inteira. A reflexão sobre esta experiência permite a

emergência de uma tensão que é lentamente “aliviada” por Gramsci nos anos posteriores, em uma concentração, elaboração crítica e “tradução” de suas visões anteriores.

Com este “ângulo visual” da complexidade da discussão bolchevique sobre a hegemonia no início dos anos 1920 é possível sugerir que a evolução da noção específica deste conceito em Gramsci se dá tanto antes como nos escritos carcerários. As coordenadas decisivas desta evolução não estão dadas em termos de uma transição de uma problemática binária da “hegemonia-ditadura do proletariado” para a “hegemonia-poder político” (concebida de maneira genérica ou mesmo genética), como sugerido anteriormente por Leonardo Paggi (1984). Tampouco esta evolução política e conceitual pode ser compreendida adequadamente em termos de uma transição da relação entre “hegemonia” e “democracia”, no sentido abstrato, por vezes presente na caracterização de Giuseppe Vacca (2017, p. 190-228) deste desenvolvimento. Por fim, não parece que a complexidade deste processo seja apreensível mesmo nos termos das reflexões sobre “hegemonia” e sua relação com “a democracia burguesa italiana realmente existente”, no sentido historicamente concreto e específico proposto, com diferentes ênfases, por Giuseppe Cospito (2017) e Fabio Frosini (2016).

Minha hipótese, ao contrário, é que a característica específica da concepção “madura” de Gramsci da hegemonia foi moldada por uma problemática anterior e mais profunda, a partir da qual as reflexões sobre as formas contemporâneas de governo burguês (e sua crise) foram elaboradas. Esta problemática é conformada pela transição, entre 1922-1923, no sentido de uma noção dialética do “progresso hegemônico-histórico”, ou seja, de uma perspectiva que propõe a hegemonia em termos de sua capacidade (ou incapacidade) de produzir instâncias reais de progresso histórico. Como método de trabalho político, esta perspectiva estratégica é decisiva para Gramsci antes da prisão, presente nas ênfases das *Teses de Lion*, na proposição de soluções para o desenvolvimento real e os problemas sociais que afligiam a Itália, assim como no engajamento de Gramsci com a política dos intelectuais em seu *Temas para a questão meridional*. Esta perspectiva permanece central para sua concepção da forma particular de hegemonia ou liderança proletária

ao longo dos *Cadernos*, como bem enfatizado por Valentino Gerratana em suas reflexões sobre as variadas “formas” de hegemonia.<sup>16</sup>

A perspectiva estratégica é igualmente central ao “experimento de pensamento” que Gramsci realiza quando concebe a hegemonia como um critério de pesquisa histórica para a análise da história da consolidação do poder estatal burguês. Trata-se de um experimento do qual emerge a noção de revolução passiva, concebida como um simulacro corrompido de hegemonia. Vista do ângulo da hegemonia bolchevique, a revolução passiva – mesmo e especialmente sob a forma paradoxal “restauração progressiva” – representa a crescente tendência histórica regressiva da sociedade burguesa. Esta não apenas se torna incapaz de construir progresso como um ato histórico mas, ao reduzir a possibilidade de uma atividade política autônoma das classes subalternas, retrocede mesmo em relação às primeiras promessas emancipatórias da modernidade política.

A revolução passiva, neste sentido, pode ser entendida como “fracasso da hegemonia” em dois sentidos, como “coisa” e como “conceito”. Por um lado, revolução passiva representa uma instância da “hegemonia fracassada”, a forma assumida pelo projeto burguês quando este encontra seus limites de classe e passa a negar os ideais de emancipação que acompanharam sua emergência. Por outro, no entanto, a revolução passiva como conceito é também uma resposta a um fracasso conceitual, a fraqueza do conceito de hegemonia para compreender a natureza do funcionamento do poder político burguês. Na elaboração particular dos debates bolcheviques, o conceito de hegemonia exigiu um senso dinâmico do processo histórico como seu complemento necessário; o que Gramsci caracteriza nas primeiras fases dos *Cadernos* (especialmente no início dos anos 1930) como forma burguesa da hegemonia nega precisamente esta possibilidade, particularmente a partir da segunda metade do século XIX em diante (de 1848 até a Comuna de Paris).<sup>17</sup> É a partir da percepção progressiva deste bloqueio conceitual e de seu significado que a fórmula da revolução

---

<sup>16</sup> Ver o estudo clássico de Valentino Gerratana (1997).

<sup>17</sup> Em nota paradigmática (Q1, §44), escrita entre fevereiro e março de 1930.

passiva emerge e adquire centralidade no pensamento de Gramsci entre 1932 e 1933.<sup>18</sup>

Os bolcheviques, Gramsci argumenta em “A revolução contra o *Capital*”, em 1917, apareciam quase como uma “expressão espontânea de uma necessidade *biológica*... eles *precisavam* tomar o poder para impedir que uma horrível calamidade se abatesse sobre o povo russo” (CF, p. 620). Nos *Cadernos*, no período entre fevereiro e março de 1930, esta força elementar se converte na atualização do slogan “jacobino” *Die Revolution in Permanenz*, “algo que transpira por todos os poros da sociedade em transformação”: em outras palavras, “hegemonia” (Q 1, §44, p. 54).<sup>19</sup> Tanto no afastamento como na proximidade destas elaborações é possível notar a intensidade da descoberta concreta de Gramsci, entre 1922-1923, do significado do que ele havia mais cedo, no final de 1917, chamado por “pensamento vivificante”, imanente tanto ao *Das Kapital* como à Revolução Russa.

## Referências bibliográficas

- ANDERSON, Perry. *The H-Word. The Peripeteia of Hegemony*. London: Verso, 2017.
- \_\_\_\_\_. The Antinomies of Antonio Gramsci. *New Left Review*, n. 100, 1976.
- ARECO, Sabrina. Antonio Gramsci e Albert Mathiez: jacobinos e jacobinismos nos anos de Guerra. *Outubro*, n. 24, 2015.
- BADALONI, Nicola. *Il marxismo di Gramsci*. Turim: Einaudi, 1975.
- BIANCHI, Alvaro; MUSSI, Daniela. Gramsci e a Revolução Russa. *Blog Junho*, abr. 2017.
- BONGIOVANNI, Bruno; BONANATE, Luigi. Egemonia. *Enciclopedia delle Scienze Sociali*, v. III, Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1993. p. 470-477

<sup>18</sup> Formulada inicialmente em novembro de 1930 (Q4, §57, p. 504), a revolução passiva é amplamente desenvolvida em uma série de notas escritas entre o início de 1932 e a metade de 1933.

<sup>19</sup> No original “come scaturiente da tutti i pori della società che occorre trasformare” (Q 1, § 44, p. 54). Sobre continuidades na perspectiva estratégica de Gramsci entre 1917 e os *Cadernos*, ver Bianchi e Mussi (2017). Para outras leituras da relação entre hegemonia e revolução permanente, ver Frosini (2009), Thomas (2015) e Dal Maso (2016).

- BOOTHMAN, Derek. General Introduction. *Further Selections from the Prison Notebooks*. London: Lawrence and Wishart, 1995.
- BRANDIST, Craig. *The Dimensions of Hegemony: Language, Culture and Politics in Revolutionary Russia*. Leiden: Brill, 2015
- BUCI-GLUCKSMANN, Christine. *Gramsci and the State*. London: Lawrence and Wishart, 1980 [1975].
- CARLUCCI, Alessandro; BALISTRERI, Cateina. I primi mesi di Gramsci in Russia, giugno-agosto 1922. *Belfagor*, nov. 2011,
- COSPITO, Giuseppe. “La lettura diacronica dei Quaderni del carcere”, keynote presentation at *Colóquio Internacional Antonio Gramsci*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, ago. 2017.
- \_\_\_\_\_. Egemonia/egemonico nei “Quaderni del carcere” (e prima). *International Gramsci Journal*, n. 2, v. 1, p. 49-88, 2016.
- D’ORSI, Angelo. *Gramsci: una nuova biografia*. Milano: Feltrinelli, 2017.
- DAL MASO, Juan. *El marxismo de Gramsci*. Notas de lectura sobre los Cuadernos de la Cárcel. Buenos Aires: Ediciones IPS, 2016.
- FIORI, Giuseppe. *Vita di Antonio Gramsci*. Roma-Bari: Laterza, 1966.
- FROSINI, Fabio. *Da Gramsci a Marx*. Roma: Deriveapprodi, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Gramsci e la filosofia*. Roma: Carocci, 2003.
- \_\_\_\_\_. L’egemonia e i “subalterni”: utopia, religione, democrazia. *International Gramsci Journal*, n. 2, v. 1, p. 126-166, 2016.
- GALASTRI, Leandro de Oliveira. Revolução passiva e jacobinismo: uma bifurcação da história. *Filosofia e Educação*, n. 2, v. 1, 2010.
- GERRATANA, Valentino. *Problemi di metodo*. Roma: Editori Riuniti, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. *A Great and Terrible World: The Pre-Prison Letters of Antonio Gramsci (1908-1926)*, edited by Derek Boothman. London: Lawrence and Wishart, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Quaderni del Carcere*. Torino: Einaudi, 1975. 4v.
- \_\_\_\_\_. *Scritti (1910-1926)* Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2015. v. 2
- GRAMSCI JR., Antonio. *I miei nonni nella rivoluzione: gli Schucht e Gramsci*. Roma: Edizione riformiste, 2010.
- \_\_\_\_\_. *La storia di una famiglia rivoluzionaria*. Roma: Editori Riuniti/University Press, 2014.



- GUZZONE, Giuliano. Tra filosofia della praxis e Critica dell'economia politica: il problema scientifico dell'economia nei Quaderni del carcere di Antonio Gramsci. *Tese de Doutorado*. Scuola normale superiore di Pisa, 2015.
- KRÄTKE, Michael. Antonio Gramscis Beiträge zu einer kritischen Ökonomie'. In: HIRSCHFELD, Uwe (ed.) *Gramsci-Perspektiven*. Berlin-Hamburg: Argument, 1998.
- LABRIOLA, Antonio. Del materialismo storico. Dilucidazione preliminare. In: GARIN, E. (ed.) *La concezione materialistica della storia*. Roma-Bari: Laterza, 1965.
- LOLE, Ana; GOMES, Victor Leandro Shaves; DEL ROIO, Marcos (orgs.). *Gramsci e a revolução russa*. Rio de Janeiro: Mórula, 2017.
- MEDICI, Rita. *Giobbe e Prometeo: filosofia e politica nel pensiero di Gramsci*. Firenze: Alinea, 2000.
- \_\_\_\_\_. Giacobinismo. In: LIGUORI, G.; VOZA, P. (ed.) *Dizionario gramsciano 1926-1937*. Roma: Carocci, 2009.
- PAGGI, Leonardo. Giacobinismo e società di massa in Gramsci. In: SALVADORI, Massimo; TRANFAGLIA, Nicola. *Il modello politico giacobino e le rivoluzioni*. Firenze: La Nuova Italia, 1984.
- PAGGI, Leonardo. *Le strategie del potere in Gramsci: tra fascismo e socialismo in un solo paese 1923-1926*. Roma: Editori Riuniti, 1984.
- RAPONE, Leonardo. *Cinque anni che paiono secoli: Antonio Gramsci dal socialismo al comunismo*. Roma: Carocci, 2011.
- SOMAI, Giovanni. *Gramsci a Vienna: ricerche e documenti 1922-1924*. Urbino: Argalia, Urbino, 1979.
- THOMAS, Peter D. A Primeira Guerra Mundial e as teorias marxistas da revolução. *Outubro*, n. 24, p. 5-35, 2015.
- \_\_\_\_\_. *The Gramscian Moment*. Leiden: Brill, 2009.
- TOSEL, André. Gramsci et la Révolution française. In: TOSEL, André. (org.) *Modernité de Gramsci?* Paris: Les Belles Lettres, 1992.
- VACCA, Giuseppe. *Modernità alternative: il novecento di Antonio Gramsci*. Torino: Einaudi, 2017.